

A VIVÊNCIA HOMOERÓTICA DOS DEVISSOS NA SOCIEDADE DO PARAÍSO EM TERÇA-FEIRA GORDA, DE CAIO FERNANDO ABREU

Myrna Andreza da Silva Alves

Mestrando em Letras – Literatura, teoria e crítica, pelo Programa de Pós-graduação em letras da Universidade Federal da Paraíba (PPGL-UFPB)
myrna10_pb@hotmail.com

José Paulo Alexandre de Barros Júnior

Mestrando em Letras – Literatura, teoria e crítica, pelo Programa de Pós-graduação em letras da Universidade Federal da Paraíba (PPGL-UFPB)
josepauloj08@gmail.com

Jobson Jorge da Silva

Mestrando em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de Pernambuco (PPGE-UPE)
jobson.jorge@upe.br

Simpósio Temático nº 19 – "Escrevivências Dissidentes E Subalternas Na Literatura: Representatividade E Subversão Do Cânone"

RESUMO

Quando pensamos na temática homossexualidade na contemporaneidade, Trevisan (1986, p. 19) explica que "o tabu da homossexualidade é um dos mais sólidos ferrolhos morais das sociedades pós-industriais", o que significa dizer que perante o entendimento da sociedade a prática homossexual contribuiria para a destruição da família em seus moldes tradicionais, sendo vista como uma imoralidade, uma verdadeira mazela da sociedade. Sabemos que tal pensamento trata-se de uma questão extremamente problemática, sendo esse contexto debatido no livro devassos do paraíso (1986), utilizado para analisar um conto homoerótico em morangos mofados (1982). Em "Terça-feira gorda" de Caio Fernando Abreu, temos um flerte entre dois homens em meio a um baile de carnaval, que ao decorrer da história revela o quão intolerante é a sociedade com as diferentes formas de afetos e vivências sexuais, nos fazendo enxergar que temas como preconceito, marginalização, desrespeito e intolerância as diferenças precisam ter espaços para serem discutidos e debatidos em sociedade.

Palavras-chave: Terça-feira gorda, Homossexualidade, Caio Fernando Abreu.

ABSTRAT

When we think about the theme homosexuality in contemporaneity, Trevisan (1986, p. 19) explains that "the taboo of homosexuality is one of the most solid moral bars of post-industrial societies", which means to say that before the understanding of society, homosexuals contribute for the destruction of the family in its traditional molds, being seen as an immorality, a true soreness of society. We know that such thinking is an extremely problematic issue, and this context is discussed in the book wanton of paradise (1986), used to analyze a homoerotic tale in moldy strawberries (1982). In "Terça-feira gorda" by Caio Fernando Abreu, we have a flirtation between two men in the middle of a carnival ball, which throughout history reveals how intolerant a society is with different forms of affection and

sexual experiences, making us to see that themes such as prejudice, marginalization, disrespect and intolerance, the differences need to have spaces to be discussed and debated in society.

Keywords: Full article, Scientific norms, Congress, Realize, Good luck.

1 INTRODUÇÃO

1.1 Homossexualidade: ponderações sobre a temática na contemporaneidade

Segundo Giddens (1991, p.13) “em vez de estarmos entrando num período de pósmodernidade, estamos alcançando um período em que as consequências da modernidade estão se tornando mais radicalizadas e universalizadas do que antes”, então podemos pensar que a contemporaneidade advém de um processo de desenvolvimento contínuo que interpassa gerações e gerações assim coexistindo com um novo contexto social.

Quando pensamos na temática homossexualidade na contemporaneidade, Trevisan (1986, p. 19) explica que "o tabu da homossexualidade é um dos mais sólidos ferrolhos morais das sociedades pós-industriais", o que significa dizer que perante o entendimento da sociedade a prática homossexual contribuiria para a destruição da família em seus moldes tradicionais, conseqüentemente na sociedade capitalista haveria menos consumidores pelo fato de não poder haver filhos gerados em uma relação homossexual, sendo assim a ordem de consumir do sistema capitalista estaria prejudicada pela diminuição de novos consumidores.

Como Souza e Cabral (2010) afirmam, nessa época, conforme Trevisan, O Brasil era enxergado como um paraíso e os seus habitantes primitivos viviam em imensa devassidão. Entre os primários nativos donos das terras, a homossexualidade não era uma prática reprovável, muito menos disposta de um julgamento, precedentemente consentido e praticado naturalmente, exercendo uma função social, o que a vista escandalizou o português invasor. Desse modo, o colonizador inicialmente português e, subsequente, europeus, que subsequente vieram, na sua maioria unidos de ideologias homofóbicas cristã do “pecado nefando” e do “vício pederasta”.

Para compreender o processo histórico que resulta na visão que hoje se tem da homossexualidade, vale salientar a trajetória do movimento social LGBTQI+ no Brasil segundo Facchini (2003, p.86) "a fundação do primeiro grupo reconhecido na bibliografia

como tendo uma proposta de politização da questão da homossexualidade, o SOMOS¹, de São Paulo, ocorreu em 1978.", tais grupos são importantes em uma perspectiva de resistência às discriminações como também foram importantes na luta no combate à discriminação às pessoas vivendo e convivendo com HIV/AIDS. Conforme Facchini (2003), João Silvério Trevisan representa um ícone para a história do movimento LGBTQI+, em 1976 buscou organizar um grupo de ativismo em prol dos direitos dos homossexuais, após ter contato com o movimento dos EUA.

No ano de 1979, ocorreu no Rio de Janeiro, o primeiro Encontro de Homossexuais Militantes com a presença dos grupos SOMOS, Eros, Beijo Livre, Grupo Lésbico Feminista, Libertos, Grupo de Afirmação Gay, conforme Facchini (2003). Esse evento teve como pautas o respeito à "opção sexual"² na Constituição Federal, a despatologização da homossexualidade, entre outros. Sendo assim, tais grupos declaravam enunciados como o "Movimento Homossexual é revolucionário não reformista" (FACHINI, 2003, p. 90)

Na década de 1980, os movimentos sociais passaram com uma reformulação, atuando em defesa das pautas relacionadas ao combate da epidemia da AIDS, que na época foi chamada pela mídia de "peste gay", conforme Facchini (2003, p. 93). Servindo de fundamentação para o recrudescimento de preconceitos contra a homossexualidade, tornando a doença um sinônimo atrelado diretamente com homossexualidade masculina. Destarte, em contrapartida houve uma desmobilização das pautas de liberação sexual, tendo em vista que a epidemia era vista na época como uma resposta da natureza, quiçá um castigo divino à promiscuidade dos gays. Sobre isso, Trevisan debate:

E a homossexualidade pode ser alvo fácil de um novo fundamentalismo político-empresarial que a torna bode expiatório da generalizada crise de esgotamento moral nos nossos dias e, assim une bancadas díspares de evangélicos ruralistas e católicos contra a decadência moral (TREVISAN, 2000, p. 19).

Tal situação trata-se de uma questão extremamente problemática, visto que o contexto de discriminação que foi relegado à comunidade homossexual ao longo do tempo, traz à tona a reflexão aludida por Trevisan em *Devassos do Paraíso* (2000). A vivência homossexual tem sido vista como uma imoralidade, uma verdadeira mazela da sociedade, diferentemente do

¹ O Grupo de Afirmação Homossexual, mais conhecido como apenas Somos, foi um grupo em defesa dos direitos LGBTQI+, fundado em 1978, considerado o primeiro grupo brasileiro em defesa desses direitos. <http://somos.org.br>

² O termo "Opção Sexual": Segundo o Governo do Estado a expressão do termo "opção sexual" ou "preferência sexual" é incorreta. A explicação provém do fato de que ninguém "opta" ou "escolhe", conscientemente, por sua orientação sexual. Assim como o heterossexual não escolheu essa forma de desejo, o homossexual (tanto feminino como masculino) também não. <http://www.saude.ba.gov.br>

conceito grego da *paidierastia*, não é vista hoje em dia, como algo que enobrece, mas sim relega o homem que se relaciona com homens a condição de um pária³ na sociedade, segundo Trevisan (2002, p. 25) "assim a prática homossexual que, ao contrário das evidências, continua associada à expansão da AIDS- estaria rompendo o equilíbrio natural, de modo que a natureza se vingou". Dentro dessa perspectiva regida pelo *status quo* do senso comum, a sociedade judaico-cristã ocidental associa o surgimento de tal enfermidade à conduta sexual dos indivíduos do sexo masculino que mantém relações afetivo-sexuais com pessoas do mesmo sexo, demonstrando que Igreja Católica em um contexto como de um país colonizado como o Brasil sempre teve forte influência no que diz respeito à formação de condutas e crenças dos indivíduos na sociedade.

É necessário compreender conhecer as origens da discriminação que hoje em dia a pessoa homossexual sofre, para que seja possível combater a barbárie que assola tal classe vista como subalterna em um contexto heteronormativo. Conforme Molina (2011, p. 950), parafraseando o antropólogo Luiz Mott, "a homofobia representa o preconceito contra pessoas que se relacionam com parceiros do mesmo sexo, tal violência denominada homofóbica se dá em um contexto diário que vai desde gestos, até mesmo a assassinatos".

Ainda segundo Molina (2011, p. 951) "a sociedade está constituída em uma base heterossexista que estabelece formas de masculinidade e feminilidade". Sendo assim, se tais conceitos fossem desconstruídos, poderia ser criada uma sociedade diferente, no entanto tais estereótipos representam mecanismos de controle de poder. Foucault (1979) salienta que em qualquer sociedade se encontram relações de poderes que atravessam o corpo do indivíduo, caracterizando e constituindo o corpo social. Estas conexões de poder não podem se dissociar, se instituir, muito menos move-se em uma produção, um funcionamento discursivo. Quando se fala em mecanismos de poder no que concerne a sexualidade, se alude à obra de Foucault, *A História da Sexualidade*, que debate sobre isso em:

No espaço social, como no coração de cada a moradia, um único lugar de sexualidade reconhecida, mas utilitário e fecundo o quarto dos pais. Ao que sobra só resta encobrir-se; o decoro das atitudes esconde os corpos, a decência das palavras limpa os discursos. E se o estéril insiste, e se mostra demasiadamente, vira anormal: receberá este status e deverá pagar sanções (FOUCAULT, 2014, p. 78).

Diante tal explicação, pode-se entender que o "anormal", o abjeto dentro dessa perspectiva são as vivências homoafetivas, que perante a sociedade são vistas como uma quebra do padrão estabelecido, logo sujeitos homoafetivos para si o estigma de Outro,

³ Alguém que está a margem da sociedade

conforme a filósofa Judith Butler (2003), as vivências homoafetivas estão dentro do conceito de *corpos que não importam*, quebrando uma ordem estabelecida socialmente ao não se enquadrar na heteronormatividade da sociedade.

É preciso dizer ainda que a descoberta pelo sujeito de sua condição homossexual é sempre difícil inicialmente, marcada que é pela dor, sendo a fonte repetida de angústia e de depressão por aquele, temperada que a dita descoberta é pela vergonha ante os parceiros sociais e os familiares. Na dependência direta da aceitação destes e daqueles a assunção da condição homossexual pode ser ou não traumática para o sujeito. O que implica dizer que a assunção da condição homossexual é sempre modulada pelo campo dos laços sociais estabelecido pelo sujeito.

Na contemporaneidade inúmeras conquistas foram celebradas na pela comunidade LGBTQI+: a data de 19 de agosto foi reconhecida pela Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo como Dia do Orgulho Lésbico; a criação de associações de combate à AIDS, como o Grupo Gay da Bahia (GGB), em 1980 e o Triângulo Rosa, do Rio de Janeiro, também do mesmo ano, tal grupo sendo o principal responsável pela campanha para que a homossexualidade deixasse de ser considerada um transtorno pelo Conselho Federal de Medicina; a origem à primeira associação de travestis do país, conhecida como Associação de Travestis e Liberados (ASTRAL), em 1992; o reconhecimento das uniões homossexuais; conquista de direitos previdenciários; combate à discriminação; adoção; reconhecimento jurídico da redesignação sexual; a criação da Parada do Orgulho Gay.

Apesar de todas as vitórias citadas, ainda há questões relativas ao preconceito de orientação sexual e identidade de gênero que estão longe de uma solução. Pelo contrário, ao analisar os dados da violência contra LGBTQI+ no Brasil, percebemos que ainda há um longo caminho pela frente. E esse caminho passa pela informação, pela conscientização e pelo respeito, ainda há muito a ser superado pelo sistema educacional para que as políticas públicas de gênero e sexualidade sejam efetivadas de verdade. Após debatermos sobre a homossexualidade na sociedade humana e na contemporaneidade, como um trabalho de pesquisa literário, faz-se necessário entender como a homossexualidade se interliga com a literatura, tal pontuamento será feito a seguir.

1.2 Metodologia

Morangos mofados é um livro de contos, no qual o autor Caio Fernando Abreu aborda temas da fragilidade humana: estranhamento, solidão, dor, queda de valores, embriaguez,

drogas, desespero, amor, desamor e muitas outras. O conto escolhido para ser analisado é “Terça-feira gorda”, encontrado na primeira parte do livro, é elaborado em uma narrativa em primeira pessoa, a história é baseada em um romance entre dois homens ocorrido em um baile de carnaval. Pode-se dizer que temos três partes específicas na obra, a primeira delas é o encontro deles em uma festa (a localização não é mencionada e nem o tempo que a história transcorre), a segunda sendo um ato sexual na praia e por último um ato de violência (assassinato) ocorrido no momento da relação, não especificando o número de agressores, apenas que eram muitos. No primeiro momento do conto vemos uma forte atração por parte dos dois, que parecem estar curtindo o ambiente sem preocupações, quando o primeiro beijo é dado, vemos uma reação por parte das pessoas, sendo um dos motivos que o fizeram sair de lá. Querendo mais privacidade, vão para a praia, onde podem realizar o ato carnal sob o céu estrelado daquela noite, porém ambos ainda pelados são alvos de violência, atacados por terceiros, resultando em graves consequências.

O autor escolhido para fundamentar o referido trabalho é Trevisan, um escritor, romancista, jornalista, dramaturgo, tradutor, cineasta e defensor da comunidade LGBTQI+ brasileiro. O também ativista foi um dos criadores do grupo “Somos”, considerado o primeiro coletivo de liberação homossexual do Brasil. Também foi um dos editores do *Lampião da Esquina*, o primeiro jornal brasileiro voltado para a comunidade LGBTQI+. Em 1986, publicou *Devassos no Paraíso*, que consta com um comentário acerca da obra feita pelo próprio Caio Fernando de Abreu: “João Silvério Trevisan mantém em *Devassos no paraíso*, por trás da organização meticulosa, aquele lastro de paixão e ira mais característico da ficção do que da seca teoria. Inquietante, às vezes doloroso e sempre provocativo, *Devassos no paraíso* (...) é um livro histórico.” Ou seja, podemos afirmar que Trevisan (2000) é um autor referência em estudos acerca da temática homossexualidade, sendo afirmado isso pelo próprio autor de *Morangos Mofados*.

2 DESENVOLVIMENTO

2.2 Análise literária e crítica do conto “Terça-feira gorda”

O conto “Terça-feira gorda” de Caio Fernando de Abreu (2018), descreve um encontro homoerótico entre dois homens, ao desenrolar do drama resultará em um ataque homofóbico, assim revela-se o quão intolerante é a sociedade com as diferentes formas de afetos e vivências sexuais. A narrativa em primeira pessoa inicia-se em um baile de carnaval, vale

salientar que o carnaval é lido socialmente como a "festa da carne", onde tudo é permitido, como por exemplo o ato socialmente aceito dos homens usarem vestes femininas, no ponto de vista antropológico, a celebração se estabelece na inversão dos papéis sociais, as normas e os comportamentos são suspensos, há uma quebra da moral cristã vigente em nossa sociedade colonizada.

Entende-se colonização como o processo de ocupação ocorrido na sociedade Latino-Americana que difere de quaisquer outros lugares como, por exemplo, metrópoles europeias; logo tal forma de controle de poder historicamente resulta em situações sociais de imensas disparidades sociais, conforme Gschwendtner e Schreiner (2019). O conto exerce a encargo da retomada continua ao fluxo do monólogo interior, a oposição das lembranças, a naturalização dos diálogos narrados, componentes que integram a obra e permitem a transparência dos fatos, levando leitor a uma zona de desconforto, frente ao desejo de evidenciar de modo desumano a subsequência que descenderá da morte de um homem.

A ligação entre os dois personagens se dá no início do conto "De repente ele começou a sambar bonito e veio vindo para mim." (ABREU, 2018, p. 31). A troca de olhares entre os futuros amantes é conduzida pelo desejo que ambos sentem por aqueles "corpos suados", assim dançavam embalados pelo próprio desejo e a energia de liberação sexual do carnaval. Ao surgir o ensejo de um beijo, o narrador compara a boca de seu futuro amante com um figo "Parecia um figo maduro quando a gente faz com a ponta da faca uma cruz na extremidade mais redonda e rasga devagar a polpa, revelando o interior rosado cheio de grãos" (ABREU, 2018, p. 31).

Esta eflorescência que possui um significado específico nas escrituras bíblicas, a figueira é a terceira a ser citada no Antigo Testamento, no Gênesis se diz que Adão e Eva se cobriram com folhas de figueira após comer do fruto proibido, conforme informações disponíveis no site⁴ Dicionário de Símbolos, assim a figueira desde os primórdios é um símbolo de castidade. No entanto, no conto de Abreu (2018), o figo representa o próprio fruto proibido, beijo proibido pela heteronormatividade da sociedade.

Camargo (2009) afirma que os contos de Abreu relatam uma libertação sexual, como também uma libertação de outras imposições sociais, como por exemplo o uso de entorpecentes no seguinte trecho "E queria, como queria aquela bolinha química quente vinda direto do meio dos pentelhos dele" (ABREU, 2018, p. 31), logo o uso de drogas na obra de Abreu (2018) mostra um apelo à libertação das amarras impostas pelos paradigmas da sociedade. O

⁴ <https://www.dicionariodesimbolos.com.br>

enlace entre o narrador e o seu futuro amante em meio ao baile, culmina em uma cena de sexo na praia, por fim uma tragédia pune os amantes "E finalmente a queda lenta de um figo muito maduro, até esborrachar-se contra o chão em mil pedaços sangrentos" (ABREU, 2018, p. 33), assim o narrador conta como o fim da relação sexual entre os dois termina em um crime de homofobia.

Segundo Trevisan (2000), "no carnaval os instintos não pedem licença para passar dança-se, canta-se, trepa-se, briga-se, rouba-se e se mata num único movimento" (2000, p. 58), sendo surpreendente o quanto essa frase representa os fatos ocorridos na obra, para compreender o conto de Abreu (2018) é preciso analisar o contexto em que o conto foi escrito. No mundo acabara de emergir uma nova doença, letal, implacável, assustadora, praga que assolara em geral a população homossexual masculina estadunidense, sendo assim foi vista como a "peste gay", a AIDS. Com os primeiros casos de AIDS confirmados no Brasil, como o de um famoso estilista chamado Markito, a doença "invade com sensacionalismo os meios de comunicação e o cotidiano dos homossexuais brasileiros". (TREVISAN 2000, p. 429).

Conforme Camargo (2009), os aspectos como a solidão, o sofrimento, a carência afetiva é uma constante em outros personagens de Abreu (2018) em "Terça-feira gorda" pode-se conjecturar que a falta de amor, negação de afetividade que o homossexual passa pela sua condição de "errante" numa sociedade patriarcal leva-o à busca pelo sexo de forma desenfreada. Esta conjectura traz consigo a reflexão: "a solidão daqueles denominados pela sociedade como monstros pecaminosos simplesmente porque são homens que amam e sentem tesão e amor por outros homens" (CAMARGO, 2009, p. 197).

A propagação da síndrome da imunodeficiência adquirida, habitualmente conhecida como AIDS no Brasil, na década de 1980, ocasionou um aumento da discriminação contra homossexuais, o que acarretou em uma nova significação do movimento LGBTQI+, pois a necessidade de vivenciar a afetividade homossexual era um baluarte para atuar na luta contra a AIDS e em prol de direitos igualitários, a reivindicação identificatória, temos a comprovação disso em:

[...] o movimento LGBT não apenas cresce em quantidade de grupos e diversifica os formatos institucionais, como também amplia sua visibilidade, sua rede de alianças e espaços de participação social. Assim, entre os interlocutores do movimento LGBT, temos movimentos de direitos humanos, de luta contra a Aids e movimentos de "minorias", especialmente o feminista, em âmbito nacional e internacional (FACCHINI, 2003, p. 139).

É de extrema importância que movimentos como esses citados acima precisam ter cada vez mais visibilidade para quebrar concepção, como por exemplo a que afirma Trevisan (2000) que houve entre os homossexuais o pensamento de que a monogamia seria uma possibilidade de sobrevivência diante do desconhecimento de como se contraía a doença, porém tal pensamento também trouxe à tona o enrustimento, assim, descaracterizando e negando o seu espaço frente a sociedade, mascarando a sua existência e sua visibilidade social.

Inclusive sucedeu-se especulações de possíveis mortes que teriam ocorrido em decorrência da AIDS, mesmo antes do primeiro caso confirmado, como o caso do renomado diretor Glauber Rocha, que falecera em 1981, no laudo de sua morte foi apontado um tipo de pneumonia comum em pacientes padecendo de AIDS, TREVISAN, 2000, p. 430). Houve por parte do movimento homossexual na década de 1980, uma pressão junto às esferas governamentais por respostas sobre as formas de contágio da doença, como também a exigência de tratamento para os doentes que contraíram, tendo como consequencial social as relações homoafetivas vistas sob um aspecto de exclusão.

No conto "Terça-feira gorda", vê-se uma intolerância diante do flerte entre dois homens mesmo em meio a um baile de carnaval, o que faz questionar até que ponto tal festa é permissiva, sendo aceitos determinados comportamentos por uma norma padrão pré-estabelecidas na estrutura hierárquica da comemoração, conforme o trecho "Ai-ai, alguém falou em falsete, olha as loucas, e foi embora. Em volta, olhavam" (ABREU 1982, p. 31), podendo ser observado o primeiro ato verbal de violência e o segundo ato verbal quando são chamados de "veados". Esse tipo de ataque pode ser pontuado como "uma violência mais sutil, no plano de linguagem; muito frequentemente, os palavrões se constituem de preconceitos contra bichas e mulheres, sempre considerados como passivos (TREVISAN, 2000, p. 87), que apesar de não se tratar de um ataque físico, é um ataque verbal, sendo um claro crime de homofobia contra os dois.

Conforme Trevisan (2000), o advento da AIDS ocasionou uma queda de máscaras sociais, pois "os fenômenos sociais aparentemente novos que a têm acompanhado constituem, na verdade apenas a revelação de algo que sempre esteve latente, mas rigorosamente camuflado" (TREVISAN, 2000, p. 436). Ou seja, a homofobia, já existia, mas o terror da AIDS, potencializou ainda mais a intolerância na sociedade brasileira, desvelando essa estrutura homofóbica enraizada no coletivo da sociedade, e presente até os dias atuais de forma significativa.

Segundo Brandileone (2014), o carnaval tem como característica ser uma festa que quebra com os paradigmas da moralidade da sociedade, pois há uma dissimulação escondida sob as máscaras carnavalescas, no conto analisado no seguinte trecho "Então pensei devagar que era proibido ou perigoso não usar máscara, ainda mais no Carnaval" (ABREU 2018, p.32), é possível entender que era perigoso os personagens não esconder sua homossexualidade mesmo em meio a um baile de carnaval, que tal ousadia poderia ter sérias consequências, já que eles não usavam máscaras, não escondiam sua face real em meio às hipocrisias da sociedade, assim eles mostravam quem de fato eram.

Sendo assim, o pavor de propagação da AIDS foi tamanho que fez a sociedade tornar-se ainda mais intolerante com aqueles que exercem sua sexualidade de modo não-heteronormativo. Perante a sociedade, o homossexual era um ser que padecia de uma doença "do corpo resultante de uma alma conspurcada" (TREVISAN 2000, p. 437). Desta maneira pode-se entender que em uma sociedade patriarcal, heteronormativa, colonizada como a brasileira, que fora colonizada por uma metrópole cristã, a AIDS era lida socialmente como um "castigo" ao corpo de um homem errante que ousara amar outro homem, contrariando supostos desígnios da natureza, quiçá desígnios divinos.

Pode-se afirmar também pessoas homossexuais do sexo masculino que se relacionam afetivo-sexualmente com outros homens (denominados pelo Ministério da Saúde como HSH - homens que fazem sexo com homens) continuam sendo vistos no âmbito da Saúde como um grupo de risco ao contágio de infecções sexualmente transmissíveis como a AIDS. O que traz à tona a reflexão do que de fato teria mudado na sociedade brasileira, pois contemporaneamente pessoas com esta orientação sexual continuam sendo rechaçadas por amar e se relacionar sexualmente com seus semelhantes, e a experiência homoerótica continua sendo vista como uma mácula no corpo social.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabemos que a temática está presente desde os primórdios civilizatórios, independentemente do seu esboço representativo, se conceituando de diferentes formas, contudo, nota-se que na contemporaneidade, tem-se uma maior pluralização das formas de expressão das relações tanto afetivas como a materialização da intimidade sexual. Tal movimento é proveniente de mudanças socioculturais das normas reguladoras das relações sociais, no entanto, ainda não escassos os estudos que debatem tal assunto, ainda que observemos um sensível aumento nas publicações destinadas à temática, se reverberando nas

manifestações de resistências midiáticas, artísticas, cinemáticas e literárias, constata-se a necessidade de desenvolver novos estudos, afim de investigar e ampliar os horizontes, além das abordagens empregadas sobre a temática, de modo a evidenciar a necessidade de reafirmar a naturalização da homossexualidade, como uma orientação vigente em todos os momentos históricos da nossa sociedade.

Apesar de a obra ser de uma década diferente, percebemos que fatos ocorridos desta narrativa podem ser considerados bastante atual, que situações pelas quais ambos os personagens sofreram, infelizmente ainda são bastantes comuns no dia a dia. Apesar do grande avanço conquistado pela população LGBTQI+, ainda vivemos em uma sociedade homofóbica e machista, necessitando que esse tipo de visão precisa ser desconstruída cada vez mais. Obras como “Terça-feira gorda” nos fazem enxergar que temas como preconceito, marginalização, desrespeito e intolerância as diferenças precisam ter espaços para serem discutidos e debatidos em sociedade.

Mediante tais fatos é inegável a importância do estudo sobre a sexualidade na vida dos seres humanos, pois ela é experimentada ou revelada em expectativas, imaginações, anseios, crenças, posturas, valores, atividades práticas, papéis e convivências. Portanto, é de extrema importância estudos voltados para essa temática, assim, pontuamos contos clássicos no imaginário literário brasileiro, denunciando as questões em torno da homossexualidade na sociedade que vivenciamos, possuindo assim, um valor transcendente para a literatura, com o intuito de agregar mais informações sobre a temática, possibilitando assim, a quebre de paradigmas e preconceitos, propiciando uma cultura com maior respeito à diversidade.

REFERÊNCIAS

ABREU, Caio Fernando. **Caio Fernando Abreus: contos completos**. 1º edição. São Paulo, 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas Públicas e Saúde. Coordenação Nacional de DST e Aids. **Guia de prevenção das DST/AIDS e cidadania para homossexuais**. Disponível em: <<http://www.saude.ba.gov.br/>>

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. São Paulo: Civilização Brasileira, 2003.

CAMARGO, Flávio Pereira. **Revendando as margens: a (auto)representação de personagens homossexuais em contos de Caio Fernando Abreu**. 2010. 287 f. Tese (Doutorado em Literatura)-Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

FACCHINI, Regina. **Entre compassos e descompassos: um olhar para o “campo” e para a “arena” do movimento LGBT Brasileiro.** Belo Horizonte: Rede Feminista de Saúde, 2003.

FACCHINI, Regina. 2003. “Movimento homossexual no Brasil: recompondo um histórico”. In: GREEN, James & MALUF, Sônia. (eds.). **Cadernos AEL: homossexualidade, sociedade, movimento e lutas.** Vol. 10, nº 18-19.

FACCHINI, Regina. 2003. **Sopa de letrinhas?: Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 1990.** Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso.** Aula inaugural do Collège de France, pronunciada em 02 de dezembro de 1976. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

FOUCAULT, **Ética, Sexualidade, Política.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. Coleção Ditos& Escritos, v. 5.

FOUCAULT, **História da Sexualidade I- A vontade de Saber.** Rio de Janeiro: Graal, 2010.
FRY, Peter & MACRAE, Edward. O que é homossexualidade. São Paulo: Abril Cultural: Brasiliense, 1985. Coleção Primeiros Passos. GREEN, James. Além do Carnaval: A Homossexualidade Masculina no Brasil do Século XX. São Paulo, Editora da Unesp, 2000.

FOUCAULT, Teoria queer: uma política pós-identitária para a educação. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 541-553, 2001.

FOUCAULT, & TRINDADE, Ronaldo. **Homossexualismo em São Paulo e outros Escritos.** São Paulo, Editora Unesp, 2005.

GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade.** São Paulo: Ed. UNESP, 1991.

GSCHWENDTNER, Geanne. SCHREINERS, Sarah Francine. **A herança colonial e a desigualdade de gênero na democracia representativa no brasil: uma análise relacional / colonial inheritance and gender inequality in representative democracy in brazil: a relational analysis.** Brazilian Journal of Development, Curitiba, v. 5, n. 12, 2019.

MOLINA, Mônica Castagma; SÁ, Laís Mourão. Educação do campo. In: ALENTEJANO, Paulo; CALDART, Roseli Salete; FRIGOTTO, Gaudêncio; PEREIRA, Isabel Brasil. **Dicionário da educação do campo.** Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade.** 2 ed., s.l., Max Limonad, 1986

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade.** Ed. revista e ampliada. 4.ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.